

Estar junto no campo: pesquisa-extensão com crianças indígenas e quilombolas no sertão nordestino

Suzana Santos Libardi

Universidade Federal de Alagoas, Unidade Educacional de Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2185-6786>

Alana Gabriela Barros Doia da Silva

Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9187-7304>

Lisa Victória Lopes Gonzaga de Souza

Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões, Maceió, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6642-3813>

Maria Tháís Mota do Nascimento

Escola Estadual de Xingó II, Piranhas, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3145-4676>

Introdução

Este trabalho é derivado de atividades de campo realizadas pelo Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI), subgrupo do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFAL, composto por uma equipe interdisciplinar voltada aos estudos da infância e às realidades das crianças moradoras de zona rural desde uma perspectiva crítica e territorializada (CASTRO, 2021). Este artigo tem o objetivo de contribuir para a reflexão teórico-metodológica do trabalho acadêmico junto a crianças de povos e comunidades tradicionais. Para isso, partimos da efetivação de um projeto de pesquisa-extensão com crianças moradoras de uma aldeia indígena e de uma comunidade quilombola localizadas no sertão nordestino. Neste texto, registramos uma parte dessa experiência, organizando-a em duas temáticas: atividades e técnicas de campo; e o encontro alteritário por nós vivenciado entre adultas/jovens proponentes das ações universitárias nas comunidades e as crianças participantes. Descrevemos êxitos e dificuldades metodológicas do trabalho de campo, para que o público amplo se aproxime de nossas vivências; mas também adotamos uma escrita analítica, pois entendemos que o caso narrado, localmente desenvolvido, permite problematizarmos de forma mais ampla aspectos relevantes do encontro entre adultas/jovens pesquisadoras não indígenas/quilombolas com crianças dessas comunidades.

O projeto intitulou-se *O olhar das crianças de povos e comunidades tradicionais* e teve o objetivo de promover um espaço de fala para as crianças sobre suas infâncias no território comunitário. Interessou-nos conhecer a perspectiva das crianças sobre o território da sua aldeia ou do seu quilombo: que sentidos elas produzem sobre seu território? Como se movimentam no espaço, atuam, produzem socialmente o território? Quais são os lugares preferidos das crianças, quais práticas desenvolvem ali? Essas foram algumas questões orientadoras do eixo pesquisa do projeto. Considerando nossas relações prévias com as comunidades participantes, e também a partir de conversas com as lideranças, entendemos que não havia ali, à época, grupos fixos de reunião das novas gerações. Compreendemos que criar um espaço regular de escuta, fala, debates e trocas entre crianças, e eventualmente algumas pessoas mais velhas¹, seria uma oportunidade de agregar um viés extensionista ao projeto, já que ali constituía-se também uma forma de compartilhamento e fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. Além disso, entendemos também que a presença constante da nossa equipe, de não moradoras, no território já se caracteriza por si só em uma forma de a universidade, de algum modo, intervir junto à comunidade, considerando nossa posição de estrangeiras àquele contexto (PIRES, 2007).

Os marcadores sociais da diferença sobre os quais voltamos nossos estudos também se presentificam no encontro alteritário entre nossa equipe e as crianças participantes. Geração, raça e etnia, por exemplo, caracterizam também nossos corpos e atravessaram nossa relação com as pessoas participantes. Por isso, é fundamental refletir sobre tais atravessamentos nos processos de trabalho para contribuir com o campo dos estudos da infância no Brasil (SIQUEIRA, 2013; ABRAMOWICZ, 2015) no sentido de posicionar também os/as pesquisadores/as dentro das relações de poder frente às crianças.

¹ As reuniões e oficinas que contaram com a participação de adultos não foram consideradas neste trabalho, visto seu objetivo.

Referimo-nos às relações de poder estruturadas a partir do marcador de geração (SARMENTO, 2005), mas também a partir de raça e etnia (MUNANGA, 2003) no contexto social em questão. A partir daí, a posição da equipe universitária também pode ser problematizada no que tange às relações étnico-raciais estabelecidas com participantes. O encontro entre os diferentes, por conseguinte, não se refere mais apenas à questão geracional – ao lugar social da infância (historicamente colocada como objeto de estudo) , mas também diz respeito à questão étnico-racial, ou seja, à necessidade de racializar também o lugar do/a pesquisador/a. Dito isso, não apenas as crianças são alvo da atenção do presente trabalho, mas também nós, equipe proponente, e nosso manejo das desigualdades que atravessam o estar junto no campo.

Dividimos nossa escrita em seções. A seguir, contextualizamos o projeto e as comunidades envolvidas. Depois, detalhamos algumas atividades e técnicas realizadas em campo, seguidas do debate sobre o encontro alteritário citado.

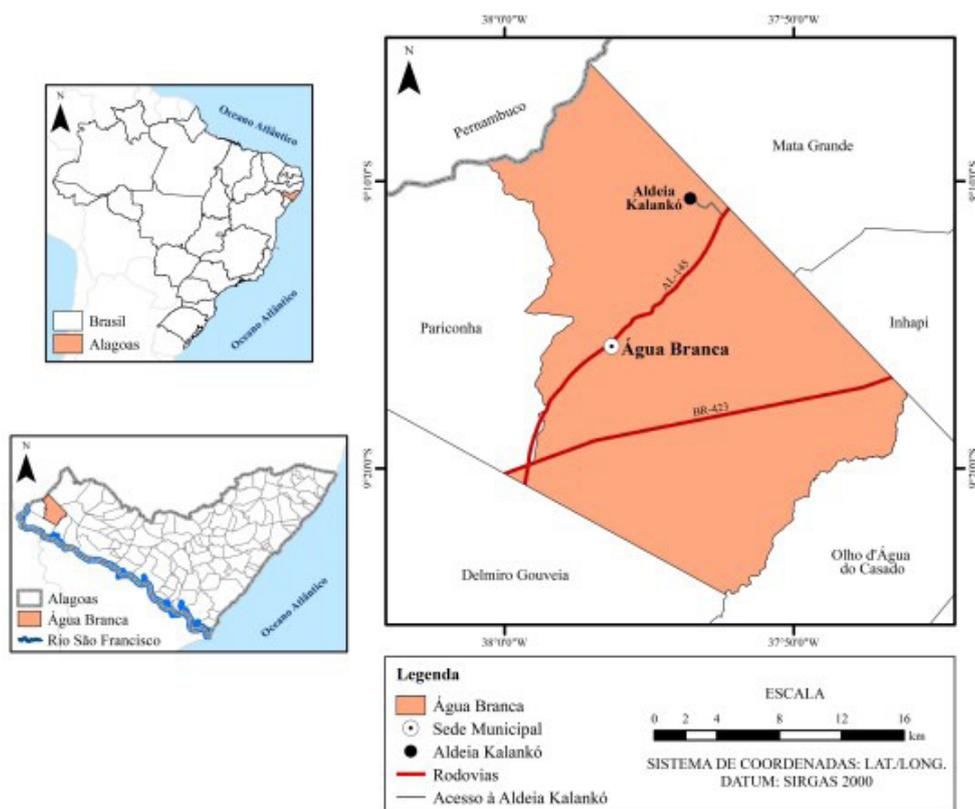
Contexto do projeto de pesquisa-extensão com crianças indígenas e quilombolas

O projeto de pesquisa-extensão foi conduzido por uma equipe universitária interdisciplinar. Participaram crianças indígenas do povo Kalankó e quilombolas da comunidade Serra das Viúvas, ambas localizadas no sertão do estado de Alagoas.

O povo Kalankó é detentor do reconhecimento étnico pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e organiza-se em 5 aldeias (Gangorra, Januária, Lageiro do Couro, Batatal e Gregório) localizadas nas fronteiras dos municípios de Água Branca e Mata Grande, que acolhem 111 famílias, totalizando aproximadamente 321 pessoas aldeadas. Destas, cerca de 99 são crianças (de 2 a 12 anos de idade), de acordo com informações coletadas junto à equipe do Polo Base de Saúde local. A população tem como maior fonte de renda a agricultura familiar e programas sociais do governo federal, como aposentadorias e Bolsa Família. (LIBARDI; SOARES; SILVA, 2021).

Nossa relação com os Kalankó começou em 2018, quando começamos a frequentar a aldeia Januária, por ocasião dos Jogos Indígenas da região. Depois, foi possível iniciar uma relação de parceria com as lideranças locais, o que foi fundamental. Fomos autorizadas a participar de uma reunião formal de apresentação do projeto às famílias daquela aldeia, aproveitando o seu encontro mensal na reunião do conselho comunitário de saúde, ocorrida no Polo de Saúde Indígena da aldeia. A partir dali a equipe de saúde passou a ser nosso contato principal na aldeia para acessar crianças e suas famílias. Durante a realização do projeto, quinzenalmente, a sala de recepção do Polo acolhia nossas oficinas, que começavam ali, com a presença eventual de adultos esperando atendimento, e na maior parte das vezes nossas atividades se estendiam para entrada do Polo e para outros espaços da aldeia, fora das dependências do Polo.

Mapa 1: localização dos Kalankó

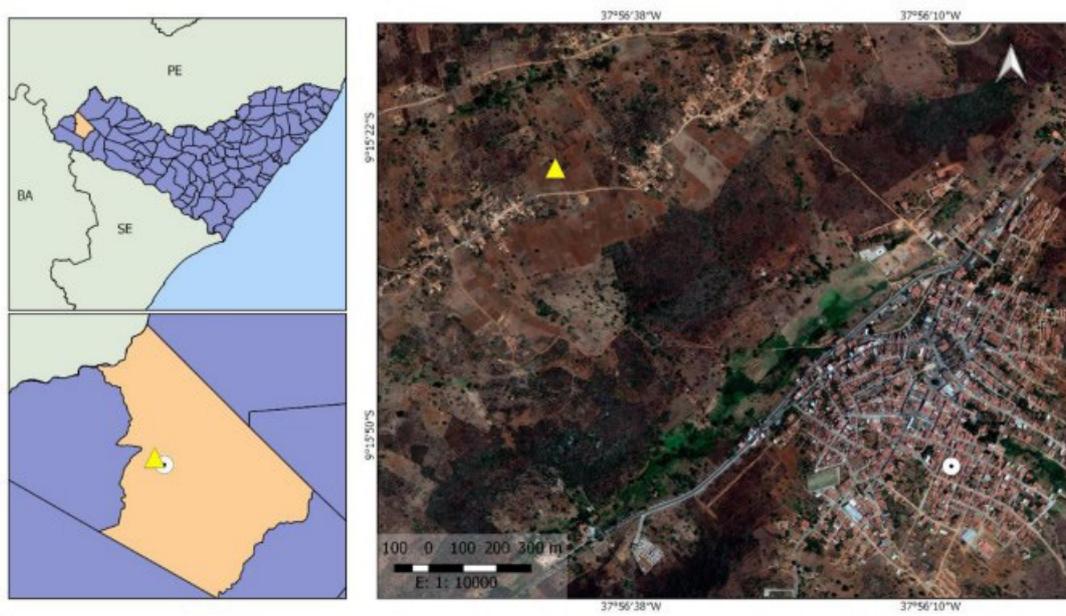


Fonte: OBELUTTE/GEPAR - UFAL (2020) apud LIBARDI; SOARES; SILVA (2021, p. 165)

Na comunidade Serra das Viúvas, por sua vez, a população estimada é de aproximadamente 250 moradores, os quais ocupam 70 residências (SERRA DAS VIÚVAS, 2019; SOUZA, 2021). Localizada na zona rural, a aproximadamente 3 km do centro do município de Água Branca, a Serra foi certificada como quilombola em 2009 (ALAGOAS, 2015). Suas principais fontes de renda advêm de atividades produzidas no próprio quilombo, sobretudo a partir do uso dos recursos naturais. Dentre essas atividades, destacam-se a agricultura familiar e o artesanato. Este último é organizado por meio da Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (Amaqui), a qual autorizou nossa entrada no território e também apostou na relevância do projeto. Nossa entrada formal no campo se deu também com nossa participação em uma reunião comunitária, descrita em detalhes em outra oportunidade (NASCIMENTO; LIBARDI, 2023), onde apresentamos a proposta do projeto e convidamos mães, tias e avós a levarem crianças moradoras para participar de nossas oficinas no contraturno escolar.

O local indicado pela liderança para sediar nossos encontros foi a sede da Associação. Durante os meses de utilização da sede, ao chegarmos na comunidade, uma das meninas mais velhas sempre estava nos esperando com a chave para abrir o espaço, anteriormente limpo por elas mesmas. Na finalização de cada encontro, após o lanche, limpávamos com elas o espaço e devolvíamos a chave para a liderança mais velha. Especialmente na Serra, nos chamou atenção a forma como as crianças se responsabilizaram também para promover as condições de realização do projeto.

Mapa 2: Localização da comunidade quilombola Serra das Viúvas



Fonte: Santos (2021).

Foram realizados 22 encontros, em formato de oficinas, com frequência quinzenal, ao longo de 6 meses, com crianças de 2 a 12 anos de idade. Contamos com um total de 57 participantes, sendo 20 crianças Kalankó e 37 crianças quilombolas da Serra. Os encontros grupais, doravante denominados oficinas, contaram com um “roteiro” flexível de atividades grupais (as mais importantes relatadas na seção a seguir) e caminhadas pela aldeia – recursos metodológicos que buscam se adequar aos interesses e habilidades demonstradas ao longo do processo pelas crianças. Cada atividade foi planejada a partir do conteúdo do encontro anterior, de modo a dar continuidade ao trazido pelos/as participantes; tanto no que diz respeito ao conteúdo (temas debatidos) quanto à forma (êxito ou não da atividade ou técnica executada).

Cada oficina foi registrada em relatórios detalhados. Utilizamos nossos celulares para eventualmente fotografar o desenrolar das atividades e os lugares das infâncias. Conhecemos a visão de cada um/a sobre a composição de sua família, sobre os mais velhos e suas histórias, a relação que estabelecem com o ambiente e os lugares mais significativos do território. Acessamos as casas onde moram por meio de visitas acompanhadas por liderança local. Nas visitas, levantamos informações sobre a composição familiar, condição de vida da população infantil e utilizamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido junto aos/às responsáveis. O assentimento das crianças foi obtido logo na primeira oficina, quando as informamos da natureza, objetivos, participação voluntária e perguntamos se queriam participar. Também, de modo processual, nossa equipe esteve atenta aos momentos de desconforto, quando assuntos difíceis emergiram no debate e salvaguardamos a não obrigatoriedade de se colocarem, participarem etc., tentando deixar o ambiente o mais acolhedor possível

Estar junto no campo: usos e efeitos de algumas atividades

Nesta seção, organizamos contribuições originais decorrentes da nossa experiência de campo junto às crianças. Primeiramente, abordamos aspectos metodológicos e depois a relação de alteridade entre integrantes da universidade e da comunidade – duas dimensões do trabalho acadêmico relacionadas entre si e interdependentes, visto que os resultados do nosso trabalho dependem tanto do que conhecemos e praticamos a respeito de métodos de pesquisa com crianças (CORSARO, 2005; PIRES, 2007) como dependem do encontro entre nós, adultas e jovens, pessoas não indígenas/não quilombolas, “representantes” da universidade, e elas, as crianças moradoras das comunidades.

Selecionamos algumas técnicas e atividades das oficinas, cujos êxitos e dificuldades produziram aprendizados: elaboração de desenhos, entrevistas com os/as mais velhos/as, escrita, leitura e contação de histórias, discussões em grupo, confecção de bonecos e outros brinquedos, diários e mapa afetivo. Caminhadas pela comunidade também foram realizadas e se fizeram fundamentais para facilitar a comunicação, além de terem sido especialmente relevantes para que pudéssemos conhecer a perspectiva das crianças sobre seu território.

No início de nossas oficinas, buscamos conhecer as crianças participantes, sua ancestralidade e lideranças locais com a atividade nomeada *Minha família e lideranças mais velhas*. Pedimos para que desenhassem suas famílias em um papel, o que permitiu identificarmos vínculos de parentesco – a maioria é de primos/as entre si. Tendo as crianças vários/as parentes em comum, essas pessoas mais velhas constaram em desenhos de várias crianças, que têm os/as mesmos/as avôs/avós, por exemplo. Isso facilitou a continuidade da atividade: escolherem, entre essas pessoas, as que são vistas como referências na comunidade. As lideranças indicadas tiveram bonecos artesanalmente confeccionados em sua homenagem e suas histórias de vida foram coletadas, pelas próprias crianças, para serem utilizadas em oficina subsequente.

Figura 1: Bonecos das lideranças confeccionados pelas crianças Kalankó.



Fonte: As autoras.

Figura 2: Bonecos das lideranças confeccionados pelas crianças quilombolas da Serra.



Fonte: As autoras.

As histórias foram coletadas pelas meninas mais velhas, que tomaram a frente da execução da tarefa em ambas as comunidades. No espaço doméstico, nos dias de intervalo entre a realização das oficinas, elas consultaram seus/suas avós/avôs e coletaram algumas de suas histórias de vida.

No encontro seguinte, trouxeram as histórias por escrito em um caderno entregue por nossa equipe. De modo geral, as histórias trazidas revelaram as condições de vida dos/as idosos/as no passado, o processo de reconhecimento enquanto comunidade tradicional, o papel de liderança que hoje desempenham.

Pedimos que elas partilhassem as histórias lendo-as em voz alta na oficina; o que ocorreu inicialmente com certa vergonha, seja da sua performance na leitura ou devido a outros fatores. Depois de alguns minutos, as demais crianças iam interagindo com a leitura, comentando, rindo, questionando trechos divertidos da história e rompendo a timidez inicial.

Em seguida, dividimos os/as participantes em subgrupos para criarem uma ilustração para cada história. Nossa orientação foi que os desenhos deveriam ser confeccionados coletivamente e executados em uma cartolina, para que negociassem entre si os elementos a integrar o desenho coletivo. Percebemos que em alguns grupos isso ocorreu, em outros não. Alguns foram feitos coletivamente, noutros as crianças simplesmente desenharam o que queriam em um espaço pequeno da cartolina, sem dialogar entre si. As produções retratam cenas da história lida, mas também foram desenhados elementos do dia a dia, símbolos da comunidade, não necessariamente explicitados na história de seus/suas avôs/avós.

Essa situação nos levou a avaliar como exitosa a sequência de atividades como um todo (desenho das famílias, escolha coletiva das lideranças, coleta de suas histórias de vida, socialização com leitura, ilustração das histórias), sobre a qual destacamos:

a) a facilidade de as crianças selecionarem os/as idosos/as homenageados/as; b) alguns passos da sequência promoveram mais integração (desenho das famílias e seleção coletiva de alguns/algumas idosos/as representados/as) e outros não (execução da ilustração da história). Tais aspectos podem ser replicados por pesquisadores/as em futuras iniciativas.

Além das histórias de avós/avôs, cujo objetivo foi valorizar a ancestralidade local, utilizamos no quilombo Serra das Viúvas² a técnica de leitura e contação de histórias com base em produções literárias específicas do contexto quilombola, a fim de ampliar seus olhares para o (re)conhecimento de outras comunidades. Utilizamos como recurso o livro *Histórias da Cazumbinha* (CAZUMBÁ; BORDAS, 2010) que remete à realidade do quilombo Rio das Rãs, do sertão da Bahia. Antecedendo a leitura, fizemos perguntas às crianças para que pudessem entender o conhecimento das mesmas sobre outros quilombos e despertar o interesse delas para a história da população negra e quilombola (BITTENCOURT, 2008). Os/as participantes tinham conhecimento superficial de outros quilombos, pois disseram desconhecer seus costumes, afazeres cotidianos, relações com os recursos naturais, entre outros elementos da cultura e organização comunitária.

Durante a leitura, mostramos as imagens contidas no livro. As crianças observaram atentamente. Ao finalizar, perguntamos: “você se identificou com algo dessa história?” Elas elencaram aspectos similares entre a Serra e o quilombo da personagem Cazumbinha, tais como: a casa de farinha, os cuidados com os animais - vacas, cabras e ovelhas, criação de galinhas e cavalos. Posteriormente, citaram práticas sociais presentes em ambas as comunidades: no quilombo de Cazumbinha as crianças sobem em pés de jatobá, fazem bonecos com sabugos de milho e produzem requieijão; já as crianças da Serra disseram que sobem em pés de jaca, de seriguela, de azeitona roxa (jamelão) e de manga, confeccionam carrinhos de pau, na comunidade se produz malcasado, bolo de milho, pé de moleque e farinha de mandioca.

Uma das crianças afirmou ser importante saber de histórias desse tipo, pois fala da cultura dela também. Simultaneamente, a surpresa das crianças de ver um quilombo refletido no livro infantil pode sinalizar a falta de acesso e/ou uso dessa literatura no contexto escolar. Considerando o êxito da atividade e a afirmação do grupo de que não têm compartilhamento frequente com outras crianças de comunidades quilombolas, avaliamos que intercâmbios entre as novas gerações dos quilombos podem ser bastante importantes para o fortalecimento da identidade coletiva quilombola entre essas infâncias.

Buscamos conhecer também a relação das crianças com o território, já que elas são sujeitos que atuam na sua acepção enquanto um espaço de (re)produção da vida comunitária e são impactadas pelas relações que estabelecem com ele (SOUZA, 2015). Para isso, realizamos caminhadas pela comunidade com as crianças. Atendemos suas falas: “bora, a gente fecha aqui [sede da Amaqui], deixa as coisas e vai”, “Bora hoje...

2 No quilombo, a atividade anterior – as histórias dos/as mais velhos/as – foi bastante proveitosa, porque obtivemos histórias de vida de todas as pessoas idosas selecionadas pelas crianças. Também, as crianças participaram muito, trocando informações sobre a história do quilombo a partir do que escutam nas histórias dos/as mais velhos/as. Considerando isso, decidimos na oficina seguinte trazer materiais que continuassem abordando histórias quilombolas, só que agora histórias de outros contextos e com outras personagens. Este é um exemplo da forma dinâmica por meio da qual as crianças foram intervindo nas escolhas metodológicas de nossa equipe.

bora hoje... a gente vai hoje e vai no outro dia também”, disseram algumas das crianças da Serra, em nossa 9ª oficina.

Durante as caminhadas as crianças mostravam seus locais preferidos no quilombo; os lugares de infância (PÉREZ; JARDIM, 2015). Nesses percursos éramos conduzidas por elas, que faziam questão de ir nos mostrando elementos da paisagem, além de responder nossas perguntas sobre alguns elementos daquele território, a exemplo das árvores frutíferas, da mina d’água, de algumas plantas usadas como remédios naturais, do processo de extração e secagem das palhas de licuri (ouricuri) – para a fabricação artesanal de vassouras e peças de artesanato –, das áreas de roçado da agricultura familiar, dos mirantes etc. As informações fornecidas pelos/as participantes sobre esses e outros aspectos do território demonstram os saberes das crianças sobre recursos naturais disponíveis no seu meio, como também dos usos e cuidados comunitários com os mesmos.

Figura 3: Caminhada na Serra das Viúvas.



Fonte: As autoras.

Entre os Kalankó, as caminhadas se constituíram como a ferramenta mais eficaz metodologicamente, visto que, para além de conhecer os lugares da aldeia de maior relevância, também permitiu participação mais ativa das crianças, pois se colocam mais envergonhadas para se expressarem oralmente nas oficinas – com os outros focando a atenção nelas. Também, promoveu uma interação menos hierárquica entre elas e nossa equipe – aspecto a ser detalhado na seção seguinte.

Nossas caminhadas pela aldeia Januária começaram de forma não prevista, quando chegamos ao Polo de Saúde em um dia chuvoso e, diferentemente das oficinas anteriores, as crianças não nos aguardavam ali. Uma das meninas veio correndo nos falar da ausência dos demais e comentou: “Espia só, dá pra escutar a água daqui! Tá ouvindo o barulho?” A trovoada havia aumentado imensamente o volume d’água de um riacho que passa no território indígena e transbordado uma barragem de água. Vários/as moradores/as, incluindo crianças, tinham ido ao riacho observar o aumento do volume de água. Fomos informadas que mais crianças queriam ir ver, e deste modo optamos por estar lá com a comunidade nesse momento especial. Uma das facilitadoras da oficina, juntamente com as crianças, foi chamar as demais, onde o foco era presenciar o fenômeno da natureza. Atravessamos cercas, caminhamos entre plantações e chegamos à margem do riacho, onde conversamos com alguns adultos que ali estavam. Pouco a pouco, mais crianças foram se somando ao grupo. Nesse dia, tivemos a oportunidade de subir o riacho com elas e acompanhar sua surpresa a cada constatação das mudanças na paisagem, enquanto os adultos saudavam em suas falas a fartura d’água.

Figura 4: Caminhada com os Kalankó às margens do riacho



Fonte: As autoras.

Esse entusiasmo repetiu-se durante as caminhadas que se seguiram ao longo de nossa convivência. Escolhemos coletivamente os destinos das caminhadas, usando como disparador uma imagem da aldeia Januária feita por satélite, disponível no site Google Maps³. Após identificarmos os locais mais importantes para as crianças, saímos em caminhada para que nos apresentassem o local. Durante as caminhadas, as crianças empolgadamente contavam história dos lugares, davam explicações, dançavam Toré⁴, falavam sobre ou nos apresentavam algumas brincadeiras – muitas delas relativas às mudanças climáticas e à vegetação/elementos na natureza –, como pular nas poças d’água, cavar buracinhos que chamavam de lajeiros, formar “botas de lama”. Mostravam-nos também os cuidados necessários para se estar em meio à caatinga – cheia de espinhos – e como circular pelos terrenos dos vizinhos não indígenas. Elas expunham seus medos, ora para nos alertar, ora para chamar nossa atenção ou zoar de nós, como detalhamos na seção seguinte.

Nem todas as técnicas e atividades adotadas no campo foram exitosas. Algumas não geraram os efeitos esperados, mas geraram outros desdobramentos, também relevantes para análise metodológica. Apresentaremos alguns deles a seguir.

A presença das crianças nas oficinas foi autorizada formalmente por seus/suas responsáveis. No entanto, nosso maior interesse direcionou-se à escolha das próprias crianças participarem. Para isso, confeccionamos um recurso para que as crianças participantes sinalizassem eventual não assentimento: um cartão grande, parecendo uma plaquinha, feita com papelão colorido, onde estava escrito “Até a próxima”, para ser usado quando não quisessem mais participar das atividades do dia. Em nosso primeiro encontro, em cada comunidade, apresentamos a plaquinha e explicamos seu uso.

Durante todo o período de nossa interação no campo, o recurso foi utilizado apenas uma única vez. Entre os Kalankó um participante pegou a plaquinha e a utilizou como um abanador. Na continuidade do trabalho, as crianças dificilmente se retiravam das atividades antes que disséssemos explicitamente que havíamos terminado a oficina. Já na Serra das Viúvas, uma ou outra participante se retirou mais cedo nos comunicando diretamente. A plaquinha não foi usada no quilombo nenhuma vez.

Compartilhamos a seguir uma cena de oficina, ocorrida no quilombo, que ilustra outras formas também de as crianças se eximirem de atividades das quais não desejam executar:

Dividimo-nos em grupo para confeccionar o boneco de cada avô/avó escolhido pelo coletivo. Cada facilitadora ficou coordenando um grupo de crianças. O grupo coordenado por Thaís foi composto por 6 crianças, sendo 5 netos de dona B.⁵ e uma neta de L. Assim que Thaís sentou com eles/as no chão, formando um mini círculo, uma das crianças perguntou: “Eu posso não fazer? Eu fico ali, no canto”. Thaís disse que tudo bem se ela não quisesse participar. (...) Lisa ficou coordenando outro grupo. (...) Lisa viu que havia algumas crianças pequenas sem fazer nada e

3 Detalhes em Libardi, Soares e Silva (2021).

4 O Toré realizado entre os povos do alto sertão de Alagoas envolve cânticos e danças conduzidas em grupo. É utilizado em diversas ocasiões, abertas e fechadas aos não indígenas, e tem cunho religioso, político e recreativo (SILVA, 2018).

5 Os nomes das pessoas participantes foram substituídos por letras aleatórias, seguidas de ponto final, para preservar seu anonimato.

sem integrar grupo algum, estavam só observando os demais participarem dos seus grupos. Lisa pegou folhas de ofícios, os lápis e hidrocor e distribuiu entre elas, formando um quarto grupo com 5 crianças. S. já estava participando de um dos grupos, confeccionando um boneco. Ao perceber que se constituía um quarto grupo, sem coordenação, disse que queria desenhar também, pedindo à Lisa um papel ofício. Percebendo que talvez S. não quisesse participar da confecção dos bonecos, Lisa deu-lhe a folha e S. juntou-se às crianças para desenhar. O quarto grupo, então, contou com 6 crianças desenhando os avós homenageados, enquanto os outros três grupos confeccionaram seus bonecos (Trecho de relatório da 2ª oficina na comunidade da Serra).

Percebemos que a preferência de S. pelo desenho pode ter sido uma fuga da atividade proposta – exemplo de saídas criativas das crianças para escapar das proposições que nós colocamos para elas no contexto de pesquisa e extensão, do ambiente escolar etc. Pensamos, então, que o uso da plaquinha antes citada pode ser útil particularmente para crianças que possam ter vergonha de demonstrar abertamente não engajamento.

Essa experiência nos fez olhar para nós mesmas e perceber que nosso olhar estava bastante impregnado da hierarquia das posições geracionais de adultos para com crianças, presente na sociedade em geral e narrada por outras pesquisas no contexto sertanejo (PIRES, 2007). Buscamos, então, diminuir a (esperada) hierarquia adotando uma postura mais dialógica, predominantemente de escuta, com perguntas sutis, e pouco ordenamento do grupo, buscando conforto não apenas para o engajamento, mas também para expressões de desagrado, discordância, desengajamento. Ocorre que as crianças não precisaram de uma plaquinha para isso. Estavam bastante à vontade para sair das atividades, para nos informar verbalmente que não iam participar mais, para fazer piada da plaquinha.

Outra técnica utilizada foi a elaboração de diários pelas crianças. Distribuímos cadernos pequenos, um para cada participante. Usamos uma folha branca para encapar os cadernos, cobrindo as ilustrações de fábrica. Assim, teríamos capas em branco para que eles/elas mesmos/as o decorassem. Os diários foram pensados para que, no período de intervalo entre as oficinas, os/as participantes fizessem desenhos ou anotações, registrando acontecimentos interessantes do seu dia a dia para compartilhar conosco. Nosso objetivo metodológico foi conhecer o cotidiano das crianças, expresso de modo não verbal, e aproveitar o conteúdo trazido para trocas verbais nas oficinas.

Na Serra, as meninas mais velhas levaram registros escritos sobre atividades realizadas pelo nosso próprio projeto, bem como sobre outros projetos anteriormente realizados na comunidade. Essas primeiras anotações trazidas geraram expectativas entre nós, pesquisadoras, porque já sabíamos mais do cotidiano das meninas mais velhas, por meio de conversas informais compartilhadas com parte da nossa equipe. Nossa curiosidade voltava-se, então, para o que elas de fato escolheriam falar de si, ou seja, como elas gostariam de apresentar a si mesmas perante os/as demais participantes.

Infelizmente, não obtivemos o êxito esperado com o uso dos diários. Além de serem poucos os produtos gerados, pois a grande maioria de participantes não continuou levando o material, os poucos diários levados nem sempre eram mostrados para nós. As meninas demonstravam vergonha e até mostravam o caderno na mão, mas alegavam preferir não mostrar o conteúdo registrado. Avaliamos que expor o conteúdo no

grupo pode ter disparado mais um sentido de avaliação do que de compartilhamento, intimidando-as. Elas podem ter se sentido avaliadas no que diz respeito ao conteúdo registrado no diário e/ou no que diz respeito à forma de registro – sua escrita.

Já entre os/as Kalankó, os diários geraram desdobramentos diferentes. Levamos os cadernos com as capas em branco, o que foi recebido com entusiasmo. Assim como também fizemos na Serra, adotamos cadernos com pauta para as crianças que já passaram pelo processo de alfabetização, e sem pauta, só com folhas em branco, para as mais novas. Explicamos que os/as líderes da comunidade tinham suas histórias, assim como os/as mais jovens. Pedimos que na oficina seguinte trouxessem o caderno com a capa decorada livremente, da forma que achassem melhor. Na oficina seguinte, poucas crianças trouxeram os diários, apresentaram-os para o grupo, com timidez, mas logo houve interação entre os/as participantes a partir dos desenhos criados nas capas. Metade dos diários foi decorado pela própria criança. Outra parte não o fez por si mesma, como descreve um trecho do nosso relatório de campo:

M., um dos mais novos participantes das oficinas, resolve mostrar seu caderno, ainda envergonhado (deitou-se no chão e cobriu o rosto com o caderno, mostrando a capa para o grupo). Na capa de seu diário, havia duas araras desenhadas. Ao questionarmos sobre quem desenhou, ele não quis falar até que I. revelou que havia sido ela quem desenhou a pedido dele as araras. (...) Pedimos para que outro/a participante apresentasse seu diário. Então, J., mais envergonhada que M., cobrindo a boca e/ou o rosto com as mãos, mostrou que havia contornado as imagens da própria capa do caderno, na folha branca posta sobre a capa. Desenhos outros, no interior do diário, foram feitos por um de seus irmãos (Trecho de relatório da 5ª oficina em território Kalankó).

Explicamos que não precisavam saber “desenhar bem”, mas que gostaríamos de ver o que eles/as mesmos/as queriam nos mostrar dos seus relatos, escritos ou desenhados. Com muita timidez quanto à escrita, a partilha aconteceu, com as crianças pedindo que nós fizéssemos por elas a leitura dos seus registros em voz alta.

Ao longo da partilha, notamos que algumas crianças pediram aos seus pais e parentes para que escrevessem ou desenhassem para elas. Entendemos que esta pode ter sido uma estratégia para apresentarem desenhos e escrita supostamente mais bonitos. O fato de pessoas mais velhas, adultas e outras crianças desenharem por eles/as nos gerou inúmeros questionamentos sobre a intenção das crianças: *elas pensam que estão se apresentando “melhor” quando um terceiro escreve ou desenha por elas? O que isso diz da percepção das crianças sobre nós?*

Compreendemos que tais inquietações atravessam nossa posição enquanto universidade no contexto comunitário, historicamente constituída enquanto suposto saber de base escrita. Percebemos que este foi um momento sinalizador do encontro entre nosso âmbito de produção de conhecimento (escrito) e a posição que esse código ocupa ali; um código não usado na educação indígena, mas sim na educação escolar, onde as crianças estão frequentemente sob avaliação de suas performances.

Incentivamos o grupo com perguntas e elogios, o que por vezes foi complementado pelas meninas mais velhas, que incentivaram os mais novos. Nesse grupo, conseguimos acessar mais o conteúdo dos diários.

Estar junto no campo: Nós e elas, encontro potente

Nos estudos da infância, encontramos uma série de trabalhos sobre questões éticas e metodológicas da pesquisa com crianças (ENNEW et al., 2009; PRADO; FREITAS, 2020), outros a respeito dos (des)encontros entre adultos/as pesquisadores/as e crianças, explorando os impactos das diferenças geracionais no processo de pesquisa (CORSARO, 2005; PIRES, 2007; BUSS-SIMÃO, 2014). Todavia, tivemos dificuldades de encontrar trabalhos a respeito da dimensão étnico-racial (MUNANGA, 2003) desse encontro, ou seja, trabalhos que interseccionem geração, raça e etnia, problematizando a própria academia sobre a sua posição racial no encontro com crianças de populações racializadas, tais como as indígenas e quilombolas, faveladas, periféricas, ribeirinhas etc.

Aqui reunimos cenas da vivência de campo, escolhidas para explicitar as diferenças e potencialidades emergentes do encontro entre as crianças participantes e nós, equipe do projeto composta por mulheres adultas e jovens negras e brancas, não indígenas e não quilombolas⁶. Considerando que esse encontro é muito particular com cada grupo de crianças, e com cada povo ou comunidade envolvido, apresentamos a seguir considerações primeiramente sobre nosso encontro com as crianças Kalankó e depois com as da Serra.

Entre os Kalankó, realizamos na 6ª oficina uma atividade denominada *Mapa afetivo* (LIBARDI; SOARES; SILVA, 2021), para conhecer os locais de infância na aldeia, ocasião que sinalizou o lugar de suposto saber em que fomos colocadas. Usamos inicialmente imagens do Google Maps, depois usamos fichas e tabelas para sistematizar coletivamente as respostas das crianças – a respeito de quais são os lugares importantes, quem os frequenta e o que costumam fazer nesses locais. Durante a atividade, houve um momento em que uma das meninas se dirigiu à Suzana e disse não saber localizar um dos lugares no mapa. “Diga qual é o certo”, disse ela, indagando Suzana. “Eu não sei. Eu tô aqui para aprender com vocês, porque vocês que são Kalankó”, respondemos. A situação colocou reflexões sobre as expectativas das crianças para conosco, seu olhar sobre a posição de poder da instituição universidade perante elas, tal como a equipe de antropologia da Funai, que executa historicamente o papel de atestar para o Estado a cultura diferenciada daquele povo.

A relação afetuosa das crianças Kalankó para conosco, pessoas não indígenas, também nos chamou atenção. As crianças tentavam nos agradar e cultivar nosso bem querer. Nas caminhadas, por exemplo, grudavam em nós. Cada facilitadora ia segurando na mão de uma ou duas crianças, que espontaneamente seguravam em nós, grudavam em nossos braços e cintura.

Outras formas de inclusão foram manifestadas na 10ª oficina, quando realizamos uma atividade de desenho usando pilotos. Em pouco tempo, desenhar na pele atraiu a atenção de todos/as e a atividade que estava sendo executada ficou um pouco de lado. Estavam todos/as desenhando em seus braços, pernas e mãos; ou desenhando em alguma parte do corpo do colega e/ou das facilitadoras. Espontaneamente as crianças começaram a desenhar em seus corpos padronagens indígenas, símbolos importantes para o povo Kalankó (um calango, um praia), e escritas como *Deus*; começaram também a nos incluir nisso.

6 As autoras. O Glei conta com mais integrantes, mas não estiveram à frente deste projeto.

Enquanto alvo de atenção das crianças, elas produziam algumas cenas para chamar nossa atenção e zoar de nós, incluindo-nos nas suas brincadeiras. Nas caminhadas, os meninos mais velhos guiavam todo o grupo, enquanto as meninas juntavam-se mais a nós. Quando havia dificuldade – subida ou descida de pedras e mirantes, passagem por cercas dos terrenos vizinhos – os meninos davam algumas instruções. Já os mais novos zoavam conosco:

Alguns caíram no chão, fingindo que estavam chorando. Quando uma de nós se aproximava, demonstrando preocupação, começavam a rir. Em um momento da caminhada, A. e mais dois meninos estavam tirando uma frutinha, redonda e pequena. Uma das facilitadoras foi provar. “É juá, quer provar?”, disse um deles, estendendo a mão e oferecendo. “Morde, não tem força não?”, causando riso entre todos/as presentes. “Ela não gostou”, e todos riram novamente (Trecho de relatório do 8º encontro em território Kalankó).

Na Serra das Viúvas, nosso encontro com os/as participantes também produziu alguns aspectos relevantes para nossa reflexão. Também se fez presente uma certa comparação entre a nossa atuação e a das educadoras no ambiente escolar. Durante a nossa presença na comunidade, na 3ª oficina, contamos com a participação voluntária de uma das professoras da escola, trazendo espontaneamente sua turma de estudantes para participar naquele turno. Decidimos prontamente receber todos/as justamente por ver ali uma oportunidade para vivenciar, junto com elas, distinções da ação promovida quando comparada às atividades e objetivos escolares. Nessa oficina, tivemos que controlar um pouco a fala da professora, que estava tendo uma postura mais tutelar sobre a participação das crianças, enquanto nossa escolha era promover mais liberdade, até porque não esperávamos respostas supostamente certas ou erradas.

Ainda nessa atividade, a professora chegou a afirmar no grupo que nós daríamos uma blusa para as crianças, a mesma que usamos para nos identificar em campo, com a logo da universidade e de nosso grupo de pesquisa. Esclarecemos às crianças que não daríamos camiseta a ninguém, que nunca prometemos isso, e explicamos que usamos aquela camiseta porque ela nos identificava como membro da universidade, da mesma forma que a escola lhes oferta a farda. Pensamos que a professora precipitou-se gerando uma aproximação entre a oficina e as atividades escolares por meio de uma suposta farda. Aproximação que buscamos evitar, sendo este um esforço comum entre pesquisadoras que buscam distinguir seu trabalho do da escola, conforme destaca Pires (2007):

Essas situações não eram produtivas do ponto de vista da pesquisa, na medida em que me colocavam em situações de autoridade em relação às crianças, demolindo meu objetivo de me aproximar delas. Se as crianças me vissem como um aprendiz e não como uma professora que sabe todas as respostas e ensina, seria mais fácil desencadear uma relação de cumplicidade e confiança, o que tornaria possível a pesquisa (PIRES, 2007, p. 233).

A atividade de confecção de brinquedos artesanais possibilitou também uma experiência relevante. Estávamos fazendo carrinhos de bananeira, feito com o tronco da planta, nomeado pelas crianças como palmito e descrito detalhadamente noutra oportunidade (SOUZA; LIBARDI, 2023). J. ensinava como fazer o carrinho. Na confecção dos brinquedos, experimentamos a inversão da hierarquia geracional, de modo

que as crianças nos ensinavam, coletivamente nos colocaram em lugar de aprendiz, constituindo-se nos momentos mais eficazes, junto com as caminhadas, para de fato dinamizar mais a nossa relação com elas.

De modo geral, os momentos em que houve menos hierarquia entre facilitadoras das oficinas e participantes da Serra foram os seguintes: a) caminhadas, b) confecção de brinquedos, c) momentos em que a coordenadora do projeto ou outros/as adultos/as não estavam presentes, d) momentos onde os desejos das crianças eram atendidos, por exemplo, fazer piquenique no mirante, e) quando nos convidaram para dançar funk, f) quando nos confiaram intimidades, detalhadas a seguir.

As meninas mais velhas dirigiam-se a algumas integrantes de nossa equipe para compartilhar confidências pessoais sobre namoro, orientação sexual, locais para namorar escondido na comunidade. Considerando a vigilância existente sobre os corpos de meninas, principalmente ao adentrarem na adolescência, tais temas sempre foram trazidos por elas em conversas fora das oficinas, fora do grupo, quando não havia mais ninguém escutando: nas caminhadas ou quando visitamos a Serra em dias festivos, fora do calendário do projeto. Ao construirmos juntas, pesquisadoras e participantes, uma relação de confiança para além das atividades propostas, algumas meninas sentiram-se mais confortáveis e seguras.

As meninas buscaram fundamentalmente as duas últimas autoras deste trabalho, jovens mulheres negras, para confidenciar aspectos pessoais relativos aos temas citados. Entendemos que sua posição geracional e racial pode ter promovido facilmente uma percepção de identificação por parte de algumas participantes. Simultaneamente, o não pertencimento à comunidade pode ter sido também visto como favorável, já que não somos suas parentes nem estamos no cotidiano controlando ou fofocando sobre seus comportamentos. A coordenação do projeto, primeira autora deste trabalho, uma mulher adulta branca, sempre presente no campo, não foi envolvida nessas conversas. Entendemos que atravessamentos de geração e raça coloquem sua presença num lugar mais distanciado perante algumas crianças.

Os atravessamentos étnico-raciais da relação pesquisadoras-crianças ficam evidentes se analisarmos as demonstrações de intimidade e afetividade ocorridas com as diferentes integrantes da nossa equipe. A relação na maior parte do tempo com a coordenadora do projeto foi menos flexível, pois embora tentasse minimizar a hierarquia decorrente de sua posição geracional e profissional, avaliamos que se manteve de certo modo sendo percebida pelas crianças como a professora adulta, supervisora das jovens pesquisadoras.

Entendemos ser este um dos aspectos sempre presentes no trabalho de campo com crianças, pois estruturam a composição de toda equipe universitária. O desafio que se coloca, a nosso ver, não se refere a uma busca ingênua por eliminar tal condição, como indica também a literatura especializada (BUSS-SIMÃO, 2014), mas sim a como manejar a condição geracional em contextos de pesquisa e extensão, ou seja, observar no campo seus efeitos e desdobramentos, tanto nas relações interpessoais, como no nível metodológico e nos resultados do projeto. A partir da tomada de consciência dessas dinâmicas, espera-se que as pesquisadoras envolvidas se posicionem de modo responsável e cuidadoso nas trocas interpessoais, visando respeitar as aberturas e os limites colocados pelos/as participantes. São as próprias crianças quem devem dar o tom da relação a ser desenvolvida, que compartilharam conosco segredos e estabeleceram

limites. Entendemos que uma postura ética no campo com crianças, especialmente de povos e comunidades tradicionais, passa necessariamente por perceber tais nuances e respeitá-las.

Ressaltamos também que a relação pesquisadoras-crianças pode sempre se transformar ao longo do convívio. Em nosso último encontro na Serra fizemos mais caminhada e piquenique, dessa vez com uma liderança local e alguns/algumas convidados/as. Todos/as fizemos um trajeto demandado pelas crianças, que queriam nos levar em mirantes mais distantes da sede da Amaqui, envolvendo caminhada mais longa no meio do mato com certo nível de cuidado necessário. As três pesquisadoras citadas anteriormente estavam presentes. Na ocasião, as meninas mais velhas romperam o distanciamento citado antes em relação à coordenação do projeto quando, em conversa informal, questionaram-na sobre seu relacionamento conjugal, ainda tecendo comentários debochados e engraçados sobre o que ela deveria fazer, o que supostamente seria melhor para si. Respondemos suas perguntas, satisfazemos parcialmente sua curiosidade, e rimos juntas das supostas recomendações.

Depois, entendemos que a cena serviu de analisador para pensarmos em que medida a hierarquia geracional estava sendo por elas diminuída ou reforçada. As meninas estavam quebrando essa hierarquia, especialmente considerando o tema em questão – antes não compartilhado com a coordenadora. Inclusive por isso a situação foi bastante engraçada para todas as presentes, devido à quebra de protocolo e em decorrência da “recomendação” surpreendentemente colocada. Por outro lado, percebemos que elas buscaram sanar uma curiosidade pessoal sobre a vida amorosa da professora, mas não necessariamente compartilharam suas vidas.

Considerações Finais

A partir do trabalho realizado, compreendemos que algumas técnicas e atividades foram melhores para a produção de resultados quanto ao foco do projeto: a questão do território. Percebemos também que, em que pese a não produção de resultados a partir de outras técnicas e atividades realizadas, elas contribuíram de diferentes formas: construindo nosso vínculo com as crianças, agregando experiências, colocando-nos aprendizados, agregando reflexões metodológicas etc.

As cenas e situações expostas ilustraram também nuances da relação de alteridade vivenciada em campo. O encontro com as diferenças complexifica-se quando tratamos do envolvimento de crianças, demandando das pesquisadoras o melhor manejo possível das diferenças geracionais, as quais são estruturais desse encontro.

Porém, não apenas geração marca o fazer de pesquisadores/as adultos/as junto a crianças. Urge cada vez mais a necessidade de diálogo dos estudos da infância com os estudos das relações étnico-raciais, que contemplam tal problemática não apenas entre os/as participantes das pesquisas, mas também entre seus agentes proponentes. Se os estudos da infância denunciam as consequências do adultocentrismo nos processos de pesquisa com crianças, faz-se necessário mais visibilidade internamente à questão étnico-racial, de modo a implicar eticamente nossos pares nessa trama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A. **Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2015.
- ALAGOAS. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. **Estudos sobre as comunidades quilombolas de Alagoas**. Maceió: SEPLAG, 2015.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BUSS-SIMÃO, M. Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. **Rev. Diálogo Educ.**, v. 14, n. 41, p. 37-60, 2014. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 nov. 2023.
- CASTRO, L. R. de. Teorizar a infância desde uma perspectiva descolonial. In: CASTRO, L. R. de. (Org.). **Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 61-77. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34630>>. Acesso em: 8 nov. 2023.
- CAZUMBÁ, M.; BORDAS, M. A. **Histórias da Cazumbinha**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- CORSARO, W. A. Entrada do campo, aceitação e natureza da participação dos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSftqBHmZxbF/>>. Acesso em: 30 out. 2023.
- ENNEW, J. et al. **The right to be properly researched: how to do rights-based, scientific research with children**. Bangkok: Black on White Publications, Knowing Children, 2009.
- LIBARDI, S. S.; SOARES, L. B.; SILVA, A. G. B. D. da. A disputa por território na perspectiva das crianças indígenas Kalankó: um relato de pesquisa de campo no sertão de Alagoas. In: LIMA, L. G.; MARQUES, L. de S. (Org.). **Seminário brasileiro: terra, território, trabalho e educação**. Maceió: EdUFAL, 2021, v. 1, p. 159-183. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8103>>. Acesso em: 30 out. 2023.
- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Seminário Nacional: relações raciais e educação**. PENESB. Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275201/mod_resource/content/1/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2022.
- NASCIMENTO, M. T. M. do.; LIBARDI, S. S. Identidade negra/quilombola: diálogos intergeracionais de autoafirmação em uma comunidade do sertão nordestino. **Revista Brasileira De Educação**, v. 28, e280109, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280109>>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- PÉREZ, B. C.; JARDIM, M. D. Os lugares da infância na favela: da brincadeira à participação. **Psicologia e Sociedade**, v. 27, p. 494-504, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/w6RbVF3sD99xqJz9x8mhPWn/?lang=pt>>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- PIRES, F. Ser adulta e pesquisar com crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, n. 1, p. 225-270, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ra/a/sRGpwnFNBPdZf9S53sqtzgc/>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

PRADO, R. L. C.; FREITAS, M. C. de. Normas éticas traduzem-se em ética na pesquisa? Pesquisas com crianças em instituições e nas cidades. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 25-46, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6879>>. Acesso em: 26 out. 2023.

SANTOS, J. E. M. **Uma análise territorial sobre o uso e a preservação das plantas medicinais nas comunidades Povoado Caraíbas do Lino, Delmiro Gouveia/AL, e Serra das Viúvas, Água Branca/AL**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Unidade Delmiro Gouveia, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8799>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SERRA DAS VIÚVAS. **Rede Comunidades Semiárido**. 2019. Disponível em: <<https://comunidadescoep.org.br/serra-das-viuvas-al/>> Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA, J. M. de O. **Os Kalankó: memória da seca e técnicas de convivência com o semiárido no Alto Sertão alagoano**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Maceió, AL, 2018. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3155>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SIQUEIRA, R. M. Por uma sociologia da infância crítica no campo dos estudos da infância e da criança. **Educativa**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 177-200, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.18224/educ.v16i2.3085>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SOUZA, M. L. A. **“Ser quilombola”**: identidade, território e educação na cultura infantil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2015.

SOUZA, M. H. M. de. A concordância verbal com o pronome Nós na comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca - AL. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/17810/209209215456>>. Acesso em: 26 out. 2022.

SOUZA, L. V. L. G.; LIBARDI, S. S. Entre preservar e transformar: práticas culturais de crianças quilombolas no Sertão nordestino. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA)**, v. 6, p. 121-144, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.18764/2595-1033v6n14.2023.7>>. Acesso em: 26 out. 2023.

Resumo Este trabalho é fruto do nosso encontro com crianças moradoras de duas comunidades tradicionais, uma indígena e uma quilombola, do sertão do estado de Alagoas, Brasil. Apresentamos nosso olhar analítico sobre um trabalho de campo de projeto de pesquisa-extensão por meio do qual realizamos 22 oficinas com 20 crianças indígenas e 37 crianças quilombolas, de 2 a 12 anos de idade, ao longo de 6 meses. Com as oficinas, promovemos um espaço de escuta e fala das crianças sobre suas experiências de infância no território comunitário. Neste artigo, narramos êxitos e dificuldades metodológicas do trabalho de campo e, a partir dessa experiência localizada, colocamos questões a respeito do encontro entre adultas/jovens pesquisadoras não indígenas/quilombolas com crianças dessas comunidades.

Palavras-chave: pesquisa com crianças, comunidades tradicionais, crianças indígenas, crianças quilombolas.

Quedarse juntos en el campo: investigación-extensión con niños indígenas y quilombolas en Sertão Nordestino

Resumen Esta encuesta es fruto de nuestro encuentro con niños residentes en dos comunidades tradicionales, una indígena y una *quilombola* del Sertão del Estado de Alagoas, en Brasil. Presentamos nuestra mirada analítica sobre la investigación de campo del proyecto de investigación y extensión por medio del cual hemos llevado a cabo 22 talleres con 20 niños indígenas y 37 niños *quilombolas*, de 2 hasta 12 años, a lo largo de 6 meses. Con estos talleres fomentamos un espacio de escucha y habla de niños sobre sus experiencias de la niñez en este territorio comunitario. En este artículo, narramos éxitos y dificultades metodológicas del trabajo de campo y, a partir de esta experiencia, hemos planteado cuestiones a respecto de la cita entre adultos/ jóvenes investigadores no indígenas/*quilombolas* con niños de estas comunidades.

Palabras claves: encuesta con niños, comunidades tradicionales, niños indígenas, niños *quilombolas*.

Together on the field: research-extension with indigenous and quilombola children in the northeast sertão

Abstract This work is the result of our encounter with children living in two traditional communities, one indigenous and one *quilombola*, in the sertão (semi-arid interior) of Alagoas state, Brazil. We present our analytical view of the fieldwork of a research-extension project in which we held 22 workshops over six months with 20 indigenous children and 37 *quilombola* children, from 2 to 12 years old. The workshops promoted a space for children to listen and talk about their childhood experiences in the community territory. In this article, we recount the methodological successes and difficulties of the fieldwork and, based on this localized experience, raise questions about the encounter between youth and adult researchers who are not indigenous or *quilombolas* and children from these communities.

Keywords: research with children, traditional communities, indigenous children, *quilombola* children.

DATA DE RECEBIMENTO: 26/11/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 12/12/2023



Suzana Santos Libardi

Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil.

E-mail: suzana.libardi@gmail.com



Alana Gabriela Barros Doia da Silva

Licenciada em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil.

E-mail: alana.silva@delmiro.ufal.br



Lisa Victória Lopes Gonzaga de Souza

Pós-graduanda em Educação Especial e Inclusiva na Perspectiva Transdisciplinar – Lato Sensu, ofertada pela Coordenadoria Institucional de Educação à Distância da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil.

E-mail: lisa.souza@delmiro.ufal.br



Maria Tháís Mota do Nascimento

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil. Professora efetiva da Escola Estadual de Xingó II – Piranhas, Alagoas, Brasil.

E-mail: thais.nascimento@professor.educ.al.gov.br